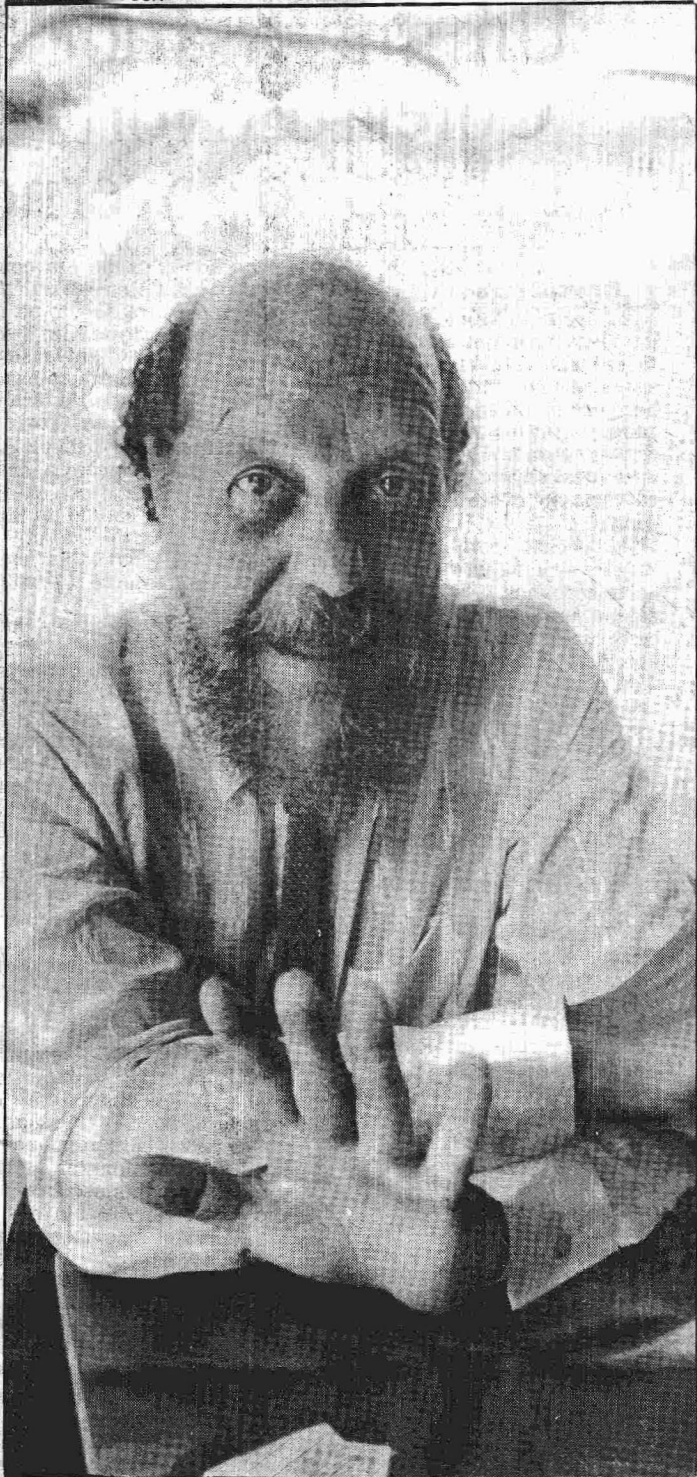


ZULEIKA DE SOUSA



CULTURA NO PLANO PILOTO E SATÉLITES (IV)

"Falta paixão ao artista da cidade"

O poeta Reynaldo Jardim acha que invenção é a saída

SEVERINO FRANCISCO

Da Editoria de Atualidades

Poeta, jornalista, artista plástico, um dos fundadores do Suplemento Cultural do **Jornal do Brasil**, inquieto, espírito cigano, com as antenas sempre atentas no novo — Reynaldo Jardim está em Brasília, onde realiza uma série de filmes-documentário sobre as cidades-satélites para a Secretaria de Educação e Cultura do DF. Que cultura pode produzir as cidades-satélites, acudadas pela desinformação do arsenal de idéias contemporâneas, o fogo cruzado da comunicação de massas, a impossibilidade de produzir? Reynaldo responde à pergunta, atirada à queimadoura, com o exemplo do Paraná, bastante semelhante ao de Brasília. Curitiba é uma cidade formada por várias etnias e cada uma conserva as suas tradições européias: "Acontece o mesmo aqui. A soma disto tudo não chega a formar uma cultura de feição curitibana. A soma destas coisas não forma uma terceira. Eu acho que Brasília está condenada a ter uma cultura muito mais universitária — não no sentido meramente acadêmico, de manipulação e de informações contemporâneas — do que popular. O centro criador de cultura, numa cidade inteiramente artificial, tem de ser um espaço como o da universidade. Se a universidade foi desvirtuada é outro problema".

Reynaldo acredita que Brasília poderia ser um espaço de produção de novos modelos,

novas matrizes, novas perspectivas, não resultantes de pesquisa folclórica — ainda que as utilizasse como elemento — e sim da invenção. "O mais interessante seria a cidade mesmo ser um projeto de invenção. E não a arquitetura de Brasília não é nova; faz parte de um repertório internacional e da tecnologia contemporânea. Não se inventou novos materiais, novas formas de construção. Não existe uma habitação brasiliense". Reynaldo considera completamente inviável a mitologia de se cultivar uma "arte candanga". E cita um exemplo: os arranjos com flores do cerrado, tidos como uma expressão autenticamente brasiliense, foi criada por um arquiteto do Rio. "É um folclore com autor" — ironiza Reynaldo. O caminho para Brasília é a invenção. O caminho da arte candanga a que pessoas cantem temas candangos. Mas, estruturalmente, não há nada de novo".

O caminho da invenção passa fatalmente pelo domínio do melhor arsenal contemporâneo de informações. E aí começam as dificuldades de produção de novas linguagens em Brasília. As informações ainda são defasadas: somente 10% das peças importantes chegam na cidade (assim mesmo com um atraso de seis meses/um ano). Não existe uma cinemateca, é difícil a aquisição de livros importados. Parece sofisticação, mas é precisamente a informação de vanguarda que estimula a invenção: "Eu acho que é chegada o momento de se tentar uma saída. E a única saída é a orga-

nização popular, seja ao nível dos artistas, seja ao nível dos habitantes e de seus interesses. Se houver isto, se houver esta força da organização social, não é preciso pedir o espaço, basta requisitá-lo. O Teatro Nacional, por exemplo, não pertence a Secretaria de Educação e Cultura. É um imóvel social que pertence à comunidade. Deve ser administrado por vários dos seus representantes: um representante dos artistas plásticos, um representante do pessoal de teatro, e por aí vai". Por outro lado, Reynaldo Jardim entende que este é particularmente um momento importante para iniciativas visando uma autonomia cada vez maior em relação aos poderes públicos: "Eu sou fundamentalmente contra um País que seja administrado por um Estado. O Estado é sempre expropriador. Em tese, o Estado teria que dar lucro: ele dá prejuízo. O operário é expropriado, o empresário é expropriado. Eu sou meio anarquista: sempre me pergunto pra que serve o Estado".

Mas, acima de tudo, Reynaldo acredita que está faltando pique, garra, paixão aos artistas, para passar por cima de tudo, ultrapassar os limites do tempo, provocar novas situações com a sua intervenção; e dá um exemplo: "Existe a universidade como instituição oficial, mas deveria existir também uma universidade extracurricular, formada por professores, alunos, artistas, pensadores, que se reúnem para fazer o que quiser. E fazer com os recursos possíveis".

Reynaldo: não se deve cultivar a mitologia da "arte candanga"